

PODCAST É CULTURA? APRENDER COM A NATUREZA, COM LIÇA PATAXOOP

Roberto Romero:

Bom dia, boa tarde, boa noite. Eu sou o Roberto Romero e, se você ainda não me conhece, é muito provável que você não tenha ouvido os dois episódios anteriores do nosso programa. Se for esse o seu caso, eu recomendo que você volte ao primeiro episódio da temporada para a gente ficar na mesma página dessa história. Agora, se você já estiver me acompanhando, eu te agradeço pela companhia e desejo boas vindas ao último episódio da nossa primeira temporada do ano, que fala sobre as Fabulações da Natureza. No nosso último encontro, tivemos uma conversa super inspiradora com a filósofa Déborah Danowski, que falou para a gente sobre as várias ficções que giram em torno do fim do nosso mundo.

Déborah Danowski:

Esse fim não significa que não vai ter gente vivendo no que vem com e após essa degradação. Então me incomodava falar em fim enquanto a gente sabe que vai ter tanta gente vivendo isso que está acontecendo.

Roberto Romero:

Mas a Déborah também lembra que, se para muitos de nós o fim do mundo é um evento imaginado no futuro, para outros tantos ele já aconteceu ou está acontecendo. Imaginemos, por exemplo, o caso dos povos indígenas que tiveram mais de 90% da sua população exterminada desde a invasão dos europeus. Num certo sentido, é como se o mundo deles, ou pelo menos o mundo como eles conheciam antes de nós, tivesse acabado em 1500. E desde então, nada voltou a ser como antes para estes povos. Quando a gente toca nesse assunto, é quase impossível não lembrar do Ailton Krenak, um dos mais importantes pensadores indígenas da atualidade e que vive aqui em Minas Gerais. Ailton publicou em 2019 um dos livros mais vendidos do ano, o *Ideias para adiar o fim do mundo*, mas já faz um tempo que ele vem alertando sobre as consequências da pegada desastrosa dos não-indígenas sobre o planeta. Lá em 2015, durante uma de suas falas, Ailton já nos lançava uma importante provocação diante do nosso medo crescente do fim do mundo. Mas ao invés de eu te contar essa história, vamos ouvi-lo em suas próprias palavras:

Ailton Krenak:

Sinceramente, não entendo por que as pessoas querem adiar o fim do mundo. Se todos os sinais que nós temos indicam que a gente não conseguiu dar conta de cuidar desse jardim, se todas as últimas notícias que temos é que estamos administrando muito mal o negócio... Por que é que nós queremos adiá-lo? Poderíamos, pelo menos, ter coragem de admitir o fim deste mundo, ver se somos capazes de aprender alguma coisa e, se tivermos outras oportunidades, ver como vamos nos portar num novo mundo, ou num possível outro mundo.

Roberto Romero:

A gente tem que concordar que é super desconcertante a tranquilidade do Ailton quando ele apresenta a ideia de que este nosso mundo precisa acabar para que outro talvez possa começar. Mas se para muita gente essa ideia pode parecer estranha, a verdade é que, para vários povos indígenas, como os próprios Krenak, de onde o Ailton vem, o mundo já acabou — ou quase acabou — outras vezes. E a gente ouviu isso nas histórias de outros povos também, como os Guarani, os Yanomami ou os Araweté. Para os Maxakali aqui de Minas Gerais, por exemplo, um grande dilúvio já se abateu uma vez sobre a Terra, inundando todo o mundo. E uma coisa curiosa é que esse mito de extinção que os Maxakali contam coincide justamente com um dos mitos de origem deles, pois daquele único homem que sobreviveu ao dilúvio, surgiram os antepassados dos Maxakali atuais. O que tudo isso sugere é que a existência atual pode ser entendida como um intervalo entre o fim mais recente e o fim mais próximo, que está sempre na iminência de acontecer. E eu faço essa introdução sobre as origens e os fins dos mundos segundo algumas percepções indígenas porque no episódio de

hoje a gente vai conversar com a Dona Liça Pataxoop. Dona Liça faz parte do povo Pataxoop (que nós, não indígenas, conhecemos como Pataxó). O povo Pataxoop ocupa hoje alguns territórios entre o que nós chamamos de Minas Gerais e o sul da Bahia. Hoje em dia, Dona Liça atua como educadora, artista e liderança da aldeia Muã Mimatxi, que fica aqui em Itapecerica, no estado de Minas Gerais. E hoje ela vai falar para a gente sobre como as histórias dos antigos que ela e o povo dela contam estão bastante ligadas à natureza, suas origens e ameaças de destruição. Então eu te convido a chegar mais perto aqui da nossa fogueira para a gente ouvir essas histórias. Dona Liça, seja muito bem vinda! Eu queria começar pedindo pra você contar para os nossos ouvintes um pouco sobre você e os Pataxoop.

Liça Pataxoop:

Eu me chamo Dona Liça aqui na minha aldeia, sou uma das lideranças das mulheres. Sou professora dos territórios, mas não tenho estudo lá de fora. O meu estudo é o estudo da tradição mesmo. Meu professor e minha professora são a Mãe Terra. Mas eu sinto muito com esse lado de saber, de ter essa profissão de vida sobre a Mãe Terra, porque é a forma como eu estou falando. É o *Yãmiyxoop* que ensina. Nós temos *Yãmiyxoop* professor, *Yãmiyxoop* da medicina, que cuida de nós. Nós temos *Yãmiyxoop* que nos defende.

Roberto Romero:

Para quem não sabe, *Yãmiyxoop* são os povos-espíritos da natureza e de todas as forças das matas, rios e animais que sempre acompanham os Pataxoop. Para eles, foram os *Yãmiyxoop* que antigamente vieram à terra e criaram a mata, as frutas, o mar e os rios, preparando tudo para a chegada dos Pataxoop ao mundo.

Liça Pataxoop:

Então eu me sinto muito feliz e muito bem por eu ter tudo. Igual vocês têm aí na cidade. Eu tenho polícia, tenho advogado, tenho juiz... Tudo o que vocês têm de defesa da vida do ser humano eu tenho na natureza.

Roberto Romero:

Eu queria aproveitar então, Dona Liça, para voltarmos lá no começo do mundo, no Grande Tempo das Águas como vocês Pataxoop costumam dizer. Gostaria que você nos contasse como esse mundo começou e como os Pataxoop surgiram.

Liça Pataxoop:

É a formação do povo Pataxoop quando *Yãmiyxoop* nos trouxe para a terra. É o Tempo Grande das Águas, foi nesse tempo que nós viemos. É o tempo do nascer, do crescer, do fortalecer, do viver, da recuperação de vida. Então é um tempo que é de grande fartura. Então é o tempo que o Pataxoop veio. Então é a irmã chuva trazendo. Cada pinga que caiu na terra foi nascendo um Pataxoop. A gente tem as histórias, não é? E aí tem o nosso mito, as histórias de nossa vida, de nosso povo. Então para eu falar e ensinar as crianças eu tenho que vir para o *Tehêy*. Ensino no *Tehêy* o que eu quero falar, na fala, na oralidade, e também nos espaços em prática.

Roberto Romero:

Gente, esses *Tehêys* que a Dona Liça fala são imagens desenhadas por ela mesma para contar as histórias dos Pataxoop aos mais jovens. *Tehêy* é o nome também das redes de pesca usadas por eles. Segundo Dona Liça, seus desenhos pescam conhecimentos. Os desenhos são produzidos a partir das narrativas orais, mas também inspiram e ajudam na contação dessas mesmas histórias na escola da aldeia. A Dona Liça vai explicar melhor para a gente sobre a importância dos *Tehêys*.

Liça Pataxoop:

É como eu falei, o *Tehêy* é um material de pescaria das mulheres nas lagoas, nas beiradas dos rios. E esse aqui é *Tehêy* de pescaria de conhecimento, que é um material didático que a gente ensina para as crianças na escola. E o *Tehêy* é aqui é como o livro. Tem os livros, ou tem a sua fala, ou sua história, dentro de uma escrita em um papel. E aqui no *Tehêy* a minha escrita é imagem. Aqui você pesca o ensino, o aprendizado, aqui dentro. E dentro desse aprendizado que vai para a mente da gente, é como você estar estudando as letras para você aprender uma leitura de vida. Porque toda leitura é você lendo, e aqui você pesca a leitura dentro do *Tehêy*. E é um ensino muito para criança, para jovem, para adulto, para *nhanhãe*.

Roberto Romero:

Dona Liça, é muito bonito ouvir a senhora falar sobre os ensinamentos dos *Tehêys*, que logo antes da pandemia estavam expostos no Espaço do Conhecimento da UFMG, na exposição Mundos Indígenas da qual a senhora e seu companheiro Kanatyó Pataxoop fizeram parte como curadores. Acho que seria legal a gente ouvir um pouco sobre essa exposição, para quem não pôde visitá-la saber mais sobre ela. Para isso, eu vou chamar aqui a Gabriela Moulin, diretora do BDMG Cultural, para contar com mais detalhes sobre essa exposição, que é belíssima e super importante.

Gabriela Moulin:

Muito legal você ter lembrado dessa exposição Robertinho. A Mundos Indígenas foi um projeto do Espaço do Conhecimento da UFMG que o BDMG Cultural apoiou. E essa exposição foi muito importante, porque pela primeira vez aqui em Minas Gerais, a gente teve um projeto totalmente realizado por curadoras e curadores indígenas de cinco povos: os Yanomami, os Ye'Kwana, os Xakriabá, os Maxakali e os Pataxoop, que foram muito bem representados pela Dona Liça e pelo Sr. Kanatyó. E a ideia dessa exposição era que os povos indígenas pudessem compartilhar com a gente seus saberes e as lições sobre as relações que eles têm com a natureza. E agora o catálogo da exposição está disponível no site do BDMG Cultural, quem quiser ver a exposição pode ver no site do Espaço do Conhecimento, e nas páginas dos podcasts, lá no nosso site, também tem os *Tehêys* da Dona Liça, muito lindos, para quem quiser ver.

Roberto Romero:

Muito obrigado Gabi! Realmente a exposição é imperdível! E eu queria aproveitar essa deixa dos ensinamentos indígenas para perguntar pra você, Dona Liça, sobre suas práticas pedagógicas junto das crianças da aldeia. Como vocês vivem e aprendem com a Natureza, com as plantas, com os brejos e com os bichos?

Liça Pataxoop:

A nossa escola é um pouco de cada espaço dentro do nosso território. Então hoje aqui em Muã Mimatxi eu ensino as minhas crianças, e a minha escola é essa, os lugares que tem dentro do meu chão de vida. Então a minha escola faz parte do redor do meu território. E aí a gente aprende, ensina, como eu estou aqui mesmo. Aqui é um espaço em que a gente aprende, que às vezes não é em um espaço de quatro paredes. Aqui você conversa e ensina como você pesca no ambiente, no espaço onde você vai olhando e vai aparecendo seus ensinamentos. É como a gente fala: a Mãe Terra, todas as crianças aqui não sujaram ela. Porque é que nem eu falo: a Mãe Terra não adoce ninguém, não machuca ninguém, não encarde ninguém. Porque tem gente que não pisa na terra, não senta nela. Então a gente bota esses ensinamentos na criança. Então isso tudo é aprendizado de vida para a gente não olhar só para a gente, mas olhar a vida na natureza e os ensinamentos que têm lá, a vida que tem lá. Lá fora eu vejo que tem gente falando que é descendente de Alemão, de não sei o que, e eu sou gente da natureza. Porque os meus descendentes, do meu povo, são outros. São outros parentes que tem na natureza. Eu tenho irmão na natureza, eu tenho avó, eu tenho os parentes todos lá. Por isso que às vezes eu falo que eu não tenho medo da natureza, eu tenho respeito. Porque eu sei que eu sou deles, eu sei que sou parente deles. Então por isso que a gente

hoje está vendo as cobranças de vida na natureza, através do homem mesmo, porque a gente vai desrespeitando um parente do outro.

Roberto Romero:

Pois é, Dona Liça, e quando eu ouço essas histórias, eu sempre acho muito curioso como elas têm um paralelo impressionante com a história da chegada dos portugueses nesse lugar que a gente hoje chama de Brasil, bem no território dos Pataxoop, que foi o primeiro povo que teve contato com os invasores. Foi a partir desse contato que a nossa natureza passou a ser explorada e destruída. E tem uma história Pataxoop que é muito interessante pra gente refletir sobre isso, que é a história da cobra Kayayun. Será que você poderia contar essa história aqui pra gente?

Liça Pataxoop:

Quando o Cabral chegou aqui, a primeira coisa que ele olhou foi a terra. Cabral foi a Kayayun, ela veio para comer a natureza. Quando ela veio, ela veio acabando com tudo. Quando ela chegou, ela dava cada grito! Daqui para Belo Horizonte afora a gente escutava os esturros dela, que ela estava chegando. E a natureza saía correndo, e a Kayayun sempre vencida. Quando chegou na casa de *Yãmiyxoop*, ele estava amolando uma espadinha. E a natureza chegou chorando porque a Kayayun ia comer ela. Aí ela correu, correu, chegou lá, encontrou ele, e ele mandou ela entrar para dentro. Ai a Kayayun grutou, e quando ela abriu a boca foi engolindo casa com *Yãmiyxoop* e tudo. *Yãmiyxoop* lá dentro deu uma furada no bucho dela com a espadinha amoladinha, e ela ficou adormecida. E aí ela não comeu a natureza não, só ficou com a boca aberta engolindo todo mundo! E aí a natureza viveu, porque escapou, e é por isso que ninguém consegue matar a natureza. Porque *Yãmiyxoop* defende, sempre defende a natureza. A Kayayun ficou adormecida, mas acabou com tudo. Foi igual a nossa história, por aí a gente tira nosso ensino. Quando foi chegando foi acabando mata, acabou rio... Era muita fartura quando nós chegamos no nosso mundo, nesse mundo. E hoje ela já está um pouco acordada, lá no Mato Grosso, lá no norte para lá, está destruindo. É assim que nas histórias que nós temos guardadas dentro do miolo da nossa cabeça que a gente vai tirando os ensinamentos de defesa nossa aqui, nesse mundo de hoje.

Roberto Romero:

Viu só, é impressionante como a gente pode associar a destruição provocada pela cobra com toda a devastação provocada pelos não indígenas, que nos ameaça a todos com a possibilidade de um outro fim do mundo. E eu penso que se a gente, especialmente aqui na cidade, conhecesse mais sobre as ameaças da cobra Kayayun, talvez a gente começasse a se relacionar com a natureza de outras formas. Bom, e a gente já conversou aqui no programa sobre esse modo como nós, não indígenas, lidamos com a natureza, não é? Para quem não se lembra, no primeiro episódio dessa temporada, o historiador José Augusto Pádua esteve aqui com a gente para falar justamente sobre isso.

José Augusto Pádua:

Quando eles descobrem que essas terras tropicais com a Mata Atlântica seriam muito boas para o plantio da cana de açúcar, eles têm uma sensação, porque aí já não é a abundância da floresta enquanto tal, mas é a abundância da floresta para ser queimada. E aí é aquela sensação de que eu vou queimar, e colocar o que eu quero (no caso principalmente a cana de açúcar no início) e, mesmo que a terra fique gasta, fique cansada, eu sempre vou ter mais floresta para queimar.

Roberto Romero:

Eu quis relembrar essa fala do José Augusto pra gente também pensar sobre o futuro. Porque apesar de toda essa destruição, a gente sabe que os povos indígenas seguem resistindo e, por conta disso, eles têm muito a nos ensinar sobre como nós podemos lidar com os desafios atuais, nesse cenário de emergência climática que estamos vivendo e que parece anunciar

o fim do mundo, pelo menos da forma como nós o conhecemos. Então, Dona Liça, eu queria te perguntar: o que será que nós podemos fazer para adormecer Kayayun?

Liça Pataxoop:

A Kayayun adormeceu, como eu falei, foi porque nós, Pataxoop, precisamos conscientizar a nossa mente e conscientizar o meu jovem, as minhas crianças, para poder viver nesse mundo de hoje. Porque eu tinha muita fartura. Eu tinha muita mata, eu comi muita fruta, muita caça, muitos passarinhos, eu vivi disso. E quem destruiu? Não fui eu. Por mim, estava tudo aí, água limpa, rio limpo, montanha, tudo do jeito que *Yãmiyxoop* colocou para nós. Aqui não tem cerca porque a minha terra é coletiva. É minha, do meu parente e da natureza. Então se eu cercar pode ser que um bichinho do mato não venha para minha terra, então eu deixo aberta, porque ela foi feita para partilha de todo mundo. No meu pedacinho de chão eu quero mais animais, eu quero mais fruta, planta, árvore... É isso aí que eu quero ver crescer no meu pedaço de chão. E desejo isso no chão todo.

Roberto Romero:

Dona Liça, é sempre um prazer conversar com a senhora, e te ouvir é sempre muito inspirador. Muito obrigado por você ter participado aqui do nosso podcast.

Liça Pataxoop:

Agradeço também a vocês por terem me convidado para poder participar desse encontro.

Roberto Romero:

E eu queria agradecer também a todo mundo que acompanhou a gente até aqui. Afinal de contas, pra essas fabulações todas existirem, é muito importante que tenha quem as escute, para a gente continuar compartilhando esses aprendizados, inspirando outras formas de entender o nosso mundo. Mas antes da gente se despedir de vez, eu queria já deixar avisado que logo logo estaremos de volta com a nossa próxima temporada, que vai girar em torno das Fabulações do Amor. A princípio pode parecer um assunto mais descontraído e menos sério do que a crise climática mas olha, talvez a gente esteja mesmo precisando levar o amor um pouco mais a sério. Quem sabe até pra gente manter um relacionamento menos tóxico com a Natureza... você não acha, Gabi?

Gabriela Moulin:

Isso mesmo Robertinho! Talvez a gente nunca tenha visto tanto ódio e, por isso, falar de amor ficou tão necessário! E acho que é muito além do amor romântico. A gente precisa é pensar numa ética amorosa tanto com o mundo quanto com os seres que habitam o mundo, entre a gente. E a gente tem que ser muito corajoso, porque vai precisar de muito cuidado, respeito, e muita vontade de cooperar para fazer isso. Então, fica o convite para todo mundo para a gente fabular, juntas e juntos, na próxima temporada.

Roberto Romero:

Então é isso, pessoal. Muito obrigado mais uma vez e vamos nos encontrar no amor. Eu sou Roberto Romero, e este foi o podcast *É Cultura?*, um podcast do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.